

Ambulantes criticam a candidata

Repercutiu mal a declaração da candidata Maria de Lourdes Abadia (PSDB) de que preferiria ser "sacoleira na Feira do Paraguai a compor com o atual governo para vencer a eleição". Abadia fez o comentário ao anunciar que em nenhuma hipótese apoiará o candidato ao governo Valmir Campelo (PTB), caso não consiga chegar ao segundo turno.

Na Feira do Paraguai, ao lado do Estádio Mané Garrincha, os ambulantes criticaram a declaração da candidata tucana, afirmando que Maria Abadia desconhece a dura vida dos vendedores. "Pago a passagem dela ida e volta para Foz do Iguaçu para ela ver como é difícil a vida de sacoleiro", disse Paulinho Camelô, um paraibano de 40 anos que há cinco anos vende suas mercadorias numa barraca.

"Se a Maria de Lourdes vir mesmo ser sacoleira aqui, ela vai acabar pedindo esmola, porque mal conseguimos sobreviver", comentou Ozéias Vicente de Araújo, um

pernambucano de 53 anos que está no ramo há 10 anos. "Eu queria ver ela ficar aqui debaixo desse sol quente para ver se achava bom", disse Antônio Mathias, 32 anos. Ex-funcionário da extinta Cobal, foi demitido durante a reforma administrativa do governo Collor. "Os governantes têm que entender que isso aqui é um problema social e parar de perseguir a classe", comentou.

Felícia Lopes de Moraes, 43 anos, também não gostou do comentário de Maria de Lourdes. "Ela está enganada, ficamos aqui nesse sol quente por necessidade. Eu mesma tenho três filhos para criar sozinha, pago aluguel, água e comida com o meu trabalho. As pessoas devem ser mais humanas. Somos uma classe pobre, mas muito trabalhadora", disse.

José Barbosa, de 25 anos, disse que quem acha fácil a vida de sacoleiro desconhece os riscos de perder a mercadoria nos frequentes assaltos aos ônibus nas estradas.

Sacoleira — Preocupada com as dificuldades "orçamentárias" da família, a baiana Dioclécia Drumond Pereira, 43 anos, casada, dois filhos decidiu há quatro anos ser sacoleira, vendendo produtos da empresa estrangeira Tupperware. Quando iniciou as vendas, a sua vida e a de sua família mudou. Se trabalhar seis dias na semana, a renda chega a R\$ 300. Vende aos vizinhos, aos amigos, nos postos de saúde, nas quadras mais próximas e onde for preciso. O marido, bombeiro hidráulico, a estimula.

Sobre as declarações de Abadia, disse que "tenho orgulho do que faço, pois a nossa vida, a de minha família, mudou completamente depois que passei a trabalhar para completar a renda lá de casa. Esse trabalho é tão digno quanto qualquer outro, a gente sai às ruas para lutar e não para roubar. Acho que é errado ela ter dito isso. Ajudo em casa e quero que Deus me dê saúde para eu continuar trabalhando como sacoleira".



Ambulantes da Feira do Paraguai condenaram declaração de Abadia